

V CBEO - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS  
Curitiba-PR - Brasil

---

TRABALHO E INTERAÇÃO: REMINISCÊNCIAS DA DIALÉTICA HABERMASIANA

**Clodomiro José Bannwart Junior** (Universidade Estadual de Londrina) - cbanwart@hotmail.com  
*Doutor em Filosofia; Professor do Programa de Mestrado em Direito Negocial da Universidade Estadual de Londrina.*

**Ricardo Lebbos Favoreto** (PUCSP) - ricardo.favoreto@hotmail.com  
*Pós-doutorando em Administração; Professor do Departamento de Administração da Universidade Estadual de Londrina*

**Arnaldo José França Mazzei Nogueira** (PUCSP) - ajfranca@pucsp.br  
*Professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Programa de Estudos Pós-graduados em Administração); Professor livre-docente da Universidade de São Paulo (Mestrado Profissional em Empreendedorismo)*

## **1 Introdução: contextualização e objetivo**

As reflexões de Jürgen Habermas sobre capitalismo tardio, sociedades pós-convencionais e democráticas permitem-nos aproximar seu pensamento de elementos relacionados às organizações. Neste ensaio propedêutico (resumo expandido), objetiva-se retomar uma de suas mais significativas meditações: a dialética entre trabalho e interação. As discussões realizadas em “*Arbeit und Interaktion. Bemerkungen zu Hegels Jenenser ‘Philosophie des Geistes’*”, texto publicado na década de 1960 no compêndio “*Technik und Wissenschaft als ‘Ideologie’*” (HABERMAS, 1968), encaminham sua produção vindoura. Aliás, em “Técnica e Ciência como ‘Ideologia’”, título traduzido do compêndio, encontra-se uma espécie de “antecipação embrionária” da teoria que o consagrou, registrada em livro mais de uma década após, conhecida no Brasil como “Teoria do Agir Comunicativo” (HABERMAS, 1981a; 1981b).

Em “Trabalho e Interação”, translação pela qual foi difundido o sucinto texto, a meditação habermasiana não se ocupa particularmente do trabalho exercido em organizações. O contexto de sua obra faculta-nos, no entanto, conduzir suas lucubrações para o recinto da cogitação dos formatos atuais de organização produtiva, nos quais se concentra a realização do trabalho moderno. “Trabalho e Interação”, promovendo conceituações fundamentais para a obra habermasiana, cumpre, para o autor, importante função metodológica e, absorto na filosofia prévia, é, para o leitor, uma aula sobre Hegel e Marx. O que se busca neste ensaio é, nada obstante, desígnio próprio. Assumindo-se a premissa da relevância da abordagem dialética desenvolvida no texto para a compreensão da categoria “trabalho”, resgatam-se seus fundamentos com o apoio de Habermas e de outros autores. A perspectiva habermasiana põe em cheque o positivismo e, ao mesmo tempo, desvia-se de visões críticas fragmentárias ortodoxas, que, não raro, encontram dificuldade para albergar as mudanças sociais instauradas no século XXI. A versão do texto-base referenciada é a tradução de Artur Morão, publicada pela Edições 70 em 1997.

## **2 A dialética trabalho/interação sob a perspectiva habermasiana**

Para perseguir o intento sinalado, parte-se de uma distinção conceitual colhida, como se mencionou, no texto “Trabalho e Interação”. A diferenciação efetuada entre os conceitos de trabalho e interação permeia os escritos habermasianos, principalmente no que se refere à sua teoria crítica da sociedade. Um dos grandes feitos teóricos de Habermas foi ter diagnosticado o colapso da subsunção da categoria “interação” na categoria “trabalho” – esta portadora da incumbência de fazer as ciências naturais, e igualmente as ciências sociais, assumirem a exploração instrumental, ou técnica, como característica essencial do conhecimento.

O fluxo da crítica de Habermas dirige-se ao pressuposto sobre o qual se esteia o positivismo: a premente ideia de que a razão técnica engloba as capacidades da razão humana como um todo. Pensadores como Weber, Horkheimer e Adorno fizeram chegar a Habermas a ideia de que a razão instrumental exerce um controle cada vez maior sobre o conjunto da natureza, das forças produtivas e do espaço social. Recuperar a discussão que vincula “trabalho” e “interação” em Hegel e Marx não é senão indicar um possível caminho para lutar contra a universalização da razão técnica e instrumental em sua pretensão de ser a única forma possível de racionalidade (GIDDENS, 1995).

“Trabalho e interação: observações sobre a filosofia do espírito de Hegel em Iena” – título completo do texto -, conquanto publicado na década de 1960, persiste atual, com alto potencial explicativo. Baseando-se no jovem Hegel, Habermas particulariza os conceitos de linguagem, trabalho e interação. Os três vinculam-se à tríplice identidade da consciência que, dispostos na ordem apresentada, referem-se, respectivamente, à consciência que dá nomes, à

consciência astuta e à consciência reconhecida. Os três tipos de consciência constituem-se na dialética da representação, do trabalho e da luta pelo reconhecimento (HABERMAS, 1997). As dialéticas da representação e do trabalho alicerçam-se na relação entre sujeito e objeto e medeiam-se por símbolos linguísticos e instrumentos de trabalho, os quais colocam o sujeito diante do objeto numa posição de exterioridade e de apropriação. Distintamente, a dialética da luta pelo reconhecimento é resultado da interação na qual a autoconsciência se fixa na base de um reconhecimento recíproco, significando que a identidade do “eu” depende necessariamente da identidade do “outro”, e vice-versa.

Habermas percebe na dialética da luta pelo reconhecimento a revelação da dialética da relação que “reconstrói a opressão e o restabelecimento da situação dialógica como uma relação ética” (HABERMAS, 1997, p. 18). Entende, nesse aspecto, que as três espécies de relação dialética desenvolvidas por Hegel visam a uma oposição em relação à identidade do “eu” kantiano, compreendido como unidade originária da consciência transcendental. Hegel renuncia ao sujeito do conhecimento já pronto de Kant, optando por um “eu” que se comunica com um outro “eu” e “se constituem ambos reciprocamente como sujeitos” (HABERMAS, 1997, p. 12). A consciência, para o sujeito hegeliano, depende da interação e do reconhecimento recíproco, já que “[...] a identidade do Eu só é possível através da identidade do outro que me reconhece, identidade que, por seu turno, depende do meu reconhecimento” (HABERMAS, 1997, pp. 19 e 20). Hegel conecta as categorias “trabalho” e “interação”, mas, na sua obra, não são elas categorias redutíveis uma à outra, e sim, diversamente, complementares e de igual importância na constituição do espírito (HANSEN, 1999).

Hegel associa trabalho e interação sob o ponto de vista da emancipação relativamente ao poder tanto da natureza externa como da natureza interna. Nem reduz a interação ao trabalho, nem elimina este na interação; mas tem em vista uma conexão de ambos, na medida em que a dialética do amor e da luta não se pode dissociar dos êxitos da ação instrumental e da constituição da consciência astuta (HABERMAS, 1997, p. 33).

A preocupação de Habermas no texto consiste, pois, justamente em demonstrar a irreduzibilidade de uma categoria à outra. Note-se:

Certamente, as técnicas só se formam sob as condições da comunicação linguística, mas nada têm em comum com as regras comunicativas da interação. Nos imperativos condicionados, a que segue a ação instrumental e que, por seu lado, resultam do domínio experiencial da ação instrumental, só entra a causalidade da natureza, e não a causalidade do destino. Não é possível uma redução da interação ao trabalho ou uma derivação do trabalho a partir da interação (HABERMAS, 1997, p. 31).

A análise dessa dimensão dialética entre linguagem, trabalho e interação permite a Habermas distinguir diferentes paradigmas, já que, se a relação dialética entre representação e trabalho configura uma relação paradigmática entre sujeito e objeto, a dialética no âmbito da interação configura um outro modelo de paradigma: o da intersubjetividade.

A dialética da representação e do trabalho desdobra-se como uma relação entre sujeito cognoscente e agente, por um lado, e o objeto como totalidade do que não pertence ao sujeito, por outro. A mediação entre os dois momentos por meio de símbolos ou instrumentos é pensada como um processo de exteriorização do sujeito – como processo de exteriorização (objetivação) e apropriação. Em contrapartida, a dialética do amor e da luta é um movimento na esfera da intersubjetividade (HABERMAS, 1997, p. 36).

Mesmo assegurando a distinção entre trabalho e interação com base nos escritos do jovem Hegel, Habermas salienta que o processo de formação do espírito, conforme sistematizado nas lições de Iena, foi gradualmente sendo abandonado. Comparativamente, “[...] já na *Fenomenologia*, a peculiar dialética de trabalho e interação tinha perdido o valor posicional, que ainda lhe era atribuído sistematicamente nas lições de Iena” (HABERMAS, 1997, p. 34). Habermas ainda tece críticas a Hegel por este não ter conseguido deslocar o processo de mediação entre linguagem, trabalho e interação para o plano da razão comunicativa, ficando preso a um “modelo de auto-referência de um sujeito cognoscente, com seu conceito absoluto” (ARAÚJO, 1996, p. 27). Revela-se, desse modo, que a reflexão filosófica de Hegel permaneceu assentada no plano da consciência monológica.

A posição de Marx em relação à dialética entre trabalho e interação também é registrada no texto. Marx teria seguido o mesmo caminho delineado por Hegel, evidenciando a conexão entre trabalho e interação através da dialética entre forças produtivas e relações de produção. Em princípio, Marx teria assimilado a categoria do trabalho na mesma perspectiva de que se valera Hegel, visualizando-a como componente de emancipação, a partir do momento em que a criação do produto possibilitasse a geração de autoconhecimento no sujeito. Habermas direciona a Marx crítica semelhante à endereçada a Hegel, alegando que o equívoco cometido por Marx foi não ter explicado suficientemente a conexão entre trabalho e interação, mas antes ter reduzido a ação comunicativa (interação) à instrumental (trabalho).

[...] como revela uma análise mais pormenorizada da primeira parte da *Ideologia alemã*, Marx não explicita efetivamente a conexão entre interação e trabalho, mas, sob o título nada específico da práxis social, reduz um ao outro, a saber, a ação comunicativa à instrumental (HABERMAS, 1997, pp. 41-42).

Marx não teve acesso aos escritos de Iena, mas desenvolveu, de modo similar à forma como se desenvolveram as categorias “trabalho” e “interação”, a relação dialética entre forças produtivas e relações de produção. Diferentemente de Hegel, que explicava a autoformação da humanidade em um plano idealista, Marx passou a compreender que a autoformação estava enraizada nas condições materiais da existência humana. O conceito de trabalho é, portanto, assumido por Marx como categoria epistemológica. Para Habermas, porém, Marx não foi capaz de sustentar, dentro da mesma base epistemológica, uma explicação satisfatória da irreducibilidade que há entre trabalho e interação. O papel dominante que a categoria “trabalho” ocupou na reflexão de Marx não só desalojou como deixou sem importância as estruturas comunicativas da interação: “a concentração de Marx na práxis material se tornou vulnerável a uma ênfase equivocada: ela abriu, no âmbito da epistemologia, o caminho para o colapso da interação no interior do trabalho” (GIDDENS, 1995, p. 248).

Na visão de Habermas, o que se projetava em Marx era uma dialética entre sujeito e objeto enquanto condição universal que, representada fundamentalmente pela categoria “trabalho”, mantinha-se subjacente à reprodução material da espécie. Portanto, a suposição de emancipação para Marx vinha atrelada ao desenvolvimento das forças produtivas, com ênfase no aumento e no controle que o ser humano poderia exercer sobre a natureza, implicando um crescente processo de racionalização (DOMINGUES, 2004). A crítica de Habermas tenciona demonstrar que essa racionalização não é outra coisa que a adequação de meios a fins e, portanto, uma racionalidade de índole instrumental. Para Habermas, o paradigma da produção de Marx não mais se sustenta, seja do ponto de vista teórico, seja da experiência histórica. Em conjunto, o proletário e a tecnologia envolvidos na base da produção não indicariam interesses emancipatórios. No que diz respeito à tecnologia, seu incremento inclusive agravou a instrumentalização das atividades humanas e serviu ainda, sob a rubrica da ciência, de fonte de legitimação do sistema de dominação (HELLER, 1997).

A distinção entre trabalho e interação tem o mérito de elucidar, por um lado, as ações baseadas em regras técnicas e, por outro, as ações que são dispostas segundo normas válidas. A separação desses dois conceitos possibilita que Habermas reconstrua o desenvolvimento da espécie humana como um processo histórico do desenvolvimento tecnológico, que é, ao mesmo tempo, interdependente do desenvolvimento institucional e cultural (MCCARTHY, 1992). Com a distinção entre trabalho e interação, Habermas não está reivindicando a ampliação do controle sobre os objetos manipuláveis ou a intensificação do dinamismo técnico do trabalho sobre a natureza externa, mas propondo que essa distinção conceitual pode permitir, de um ponto de vista analítico, a ampliação de nossa autonomia social diante da natureza interior. Para Heller, “[...] a identificação de produção e trabalho dá a entender que o trabalho transforma a natureza exterior sem transformar a interior” (HELLER, 1997, p. 304).

As consequências teóricas dessa distinção conceitual espargem-se em quatro planos: “quase transcendental”, metodológico, sociológico e da evolução social (MCCARTHY, 1992). O plano da evolução social, no qual se “distingue entre o crescimento das forças produtivas e do potencial tecnológico e extensão da interação livre de domínio” (MCCARTHY, 1992, p. 42). Na perspectiva do marxismo (e aqui se restringe ao plano da evolução social), o objetivo de Habermas não é outro senão o de investigar se a dimensão das relações de produção pode ser, de fato, reduzida às forças de produção. Na obra marxista, a espécie humana tem, primeiramente, sua reprodução avaliada sob as condições materiais da vida, pois parte da consideração inicial de que a atividade humana (ou *práxis*) identifica-se com a categoria “trabalho”, tomada como paradigma básico para a análise da ação humana.

Nessa linha de raciocínio, percebe-se que a categoria “trabalho” fundiu a produção material e a interação social em um único paradigma. Habermas, a esse respeito, não desconsidera o papel relevante de Marx no estabelecimento de um modo adequado de crítica. Avalia, porém, como falho nesse pressuposto o deslocamento que Marx faz na sua reflexão ao deixar de lado as pretensões da filosofia e optar pelo caráter científico do positivismo, acreditando encontrar neste um método mais eficaz para desenvolver uma crítica menos abstrata e mais compatível com a realidade. Para McCarthy, “[...] se dá na obra de Marx uma tensão básica, nunca resolvida, entre reduativismo e cientificismo de sua autocompreensão teórica e o caráter dialético de sua investigação social concreta” (MCCARTHY, 1992, p. 37).

Manifestamente, Habermas reconhece o papel crítico do pensamento de Marx. Não admite, no entanto, que seja possível uma teoria que se pretende crítica eger como base paradigmática de análise *o status* científico proveniente das ciências naturais, uma vez que essa escolha limita o alcance de sua reflexão à síntese do ser humano com a natureza pela categoria “trabalho”.

Não tivesse Marx embaralhado interação e trabalho sob o denominador comum da *práxis* social, houvesse ele aplicado, em vez disso, o conceito materialista da síntese às realizações instrumentais e às inter-relações do agir comunicativo da mesma forma, então a idéia de uma ciência do homem não teria ficado obscurecida pela identificação com uma ciência da natureza (HABERMAS, 1982, p. 77).

Tendo Marx reduzido a sua reflexão à dimensão do trabalho, restringiu inevitavelmente o escopo do seu pensamento teórico ao nível do agir instrumental: “[...] Marx interpreta, porém, aquilo que ele mesmo faz usando o modelo bem mais limitado de uma autoconstituição da espécie a realizar-se única e exclusivamente pelo trabalho. [...] Marx reduz o curso da reflexão ao nível do agir instrumental” (HABERMAS, 1982, pp. 59-60). Não se espera daí – conforme prenúncio de Habermas – que seja possível brotar do paradigma da produção e do trabalho um processo de emancipação prático para o homem: “A *emancipação relativamente à fome e à miséria* não converge necessariamente para a *libertação a respeito*

da servidão e da humilhação, pois não existe uma conexão evolutiva automática entre trabalho e interação” (HABERMAS, 1997, p. 42). Essa ideia de Habermas permanece sedimentada ao longo dos seus escritos. Note-se, por exemplo, este trecho de “O Discurso Filosófico da Modernidade”:

[...] a perspectiva da emancipação não se origina precisamente do paradigma da produção, mas do paradigma da ação orientada para o entendimento recíproco. É a forma dos processos de interação que tem de ser alterada, se se quer descobrir praticamente o que os membros de uma sociedade poderiam querer em cada situação e o que deveriam fazer no interesse comum (HABERMAS, 1998, p. 119).

O teor da citação, extraída de uma obra publicada em 1985, demonstra a perenidade da base desenvolvida no texto da década de 1960.

### 3 Considerações finais

Para Habermas, a filosofia deve preservar-se como crítica, e toda teoria da sociedade que reivindica constituir-se autorreflexão da história da espécie não pode negar a filosofia (HABERMAS, 1982). Sem desconsiderar a síntese técnica, produto da mediação entre ser humano e natureza, Habermas almeja levar também em consideração, no plano da interação, a síntese prática, resultado da mediação entre os indivíduos nos planos institucional e cultural.

No intuito de ser enfático no diagnóstico do marxismo e igualmente do capitalismo, Habermas se propõe a reinstaurar a dimensão da interação, associando, para esse intento, a hermenêutica e a reflexão crítica como esferas autônomas em relação à esfera da produção técnica (GABÁS, 1980). A insistência de Habermas em manter as esferas de trabalho e interação separadas, apontando a heterogeneidade e a irredutibilidade de uma à outra, é precisamente para evadir-se da possível junção de progresso técnico e comportamento racional da vida. Mantendo a postura segundo a qual o progresso técnico por si não é portador de emancipação, Habermas aponta para as consequências que podem ser originadas da confluência entre trabalho e interação, destacando, como principal, a consolidação da ideologia tecnocrática. Aos estudos organizacionais críticos a reflexão habermasiana deixa, portanto, um significativo legado. Retornar às estruturas filosóficas da crítica possibilita-nos, momento seguinte, robustecer a apreciação crítica da empiria – por exemplo, a manifestada nas categorias “trabalho” e “interação” enredadas no fenômeno organizacional.

### Referências

- ARAÚJO, L. B. L. *Religião e Modernidade em Habermas*. São Paulo: Editora Loyola; Coleção Filosofia, 1996.
- DOMINGUES, J. M. *Teorias Sociológicas no Século XX*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- GABÁS, R. *J. Habermas: Dominio Técnico y Comunidad Lingüística*. Prólogo de Javier Muguerza. Barcelona: Editorial Ariel, 1980.
- GIDDENS, A. *Politics, Sociology and Social Theory*. Encounters with Classical and Contemporary Social Thought. California: Stanford University Press, 1995.
- HABERMAS, J. Arbeit und Interaktion. Bemerkungen zu Hegels Jenenser ‘Philosophie des Geistes’. In: *Technik und Wissenschaft als ‘Ideologie’*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Theorie des Kommunikativen Handelns*. Handlungsrationalität und gesellschaftliche Rationalisierung. Band 1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1981.

- \_\_\_\_\_. *Theorie des Kommunikativen Handelns*. Zur Kritik der funktionalistischen Vernunft. Band 2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Conhecimento e Interesse*. Introdução e Tradução de José N. Heck. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- \_\_\_\_\_. Trabalho e Interação. In: *Técnica e Ciência como 'Ideologia'*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Tradução Ana Maria Bernardo *et al.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.
- HANSEN, G. L. *Modernidade, Utopia e Trabalho*. Londrina: Edições Cefil, 1999.
- HELLER, A. Habermas y el marxismo. In: HELLER, A.; MUÑOZ, G.; SORIA, J. I. L. *Crítica de la Ilustración: Las Antinomias Morales de la Razón*. Traducción de Gustau Muñoz y José Ignacio López Soria. Barcelona: Ediciones Península, 1997.
- MCCARTHY, T. *La Teoría Crítica de Jürgen Habermas*. Tradução Manuel Jiménez Redondo. 2 ed. Madrid: Editorial Tecnos, 1992.